

de CVUs (Crimes Violentos contra o Patrimônio, ou seja, roubos), mas, paralelamente, atuando sobre outra vertente da Segurança Pública que é a percepção, que é o dado subjetivo. Embora o número de CVUs esteja elevado, em determinadas regiões em que o CVU não está alto, as pessoas não estão com essa percepção.

**O POVO** — A política de meta de redução de homicídios é uma política que o senhor aplicou nos estados em que o senhor conduziu a segurança. O que é que foi falado sobre isso com o governador e o que vai ser adotado em relação a isso?

a gente vai passando, a gente vai aprendendo... No Rio, eu tive, por exemplo, uma experiência em que o conceito de ocupação com polícia comunitária começou na minha subsecretaria. Depois ela se expande, viria uma política, um programa, que eram as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora). E a gente acabou

A violência urbana no Brasil — Já acompanho há 40 anos — tem sazonalidades, tem movimentos cíclicos, com algumas melhorias, mas ela, em regra, é muito elevada. Nós (Brasil) somos 2,7% da população mundial, nós contribuímos com 20% dos homicídios dolosos. Nós temos um número Roberto Sá — Independentemente da gente estabelecer uma meta em áreas geográficas, uma coisa já é meta: reduzir o índice de homicídios que a gente tem. Agora, estabelecer um número percentual, isso a gente ainda não sentiu para conversar. A minha experiência, onde eu consegui percebendo que, lamentavelmente, só a Polícia entrou e só a Polícia ficou. Então, esse tipo de experiência, de colocar a presença policial fixa com um projeto de inclusão social, precisa ser muito cauteloso, porque, se não, só a polícia fica: o eixo de proteção social não entra. É importante que as co-

Então, eu tenho que verificá-la se a tecnologia permite a transmissão do dado em tempo real, se eu tenho capacidade em tempo real, se eu tenho áreas geográficas que coincidem para cobrar de interlocutores das instituições locais, para poder fazer reuniões de nível operacional, nível tático e nível estratégico, o nível governamental.

sas carinhem juntas e que a polícia esteja presente, mas ela não pode estar estatística. Ela tem que estar dinâmica porque o crime também é dinâmico.

Embora a gente tenha unidades fixas em algumas regiões, elas, em algum momento, vão permanecer e, em outros momentos, vão ter que se deslocar, porque a dinâmica do crime ocorre e nós temos que acompanhar essa dinâmica. (Co-laborou Lucas Barbosa)

PROJETOS



卷之三